

5ª Parte

Transcrições

Uma conversa com José Alcides Pinto

Anchieta Pinheiro Pinto

Reunimos aqui algumas perguntas básicas que fizemos ao escritor José Alcides sobre a sua Literatura e a arte literária em geral. Nascido em São Francisco do Estreito, distrito de Santana do Acaraú, no norte do Ceará, *José Alcides Pinto* é um dos mais produtivos escritores desse país: mais de 45 obras publicadas. Dono de uma lucidez e de um domínio mental que se deixa povoar de reminiscências (fatos históricos e credices das terras banhadas pelo Acaraú). Foi aparentando ter herdado a velha simpatia de nossos antepassados — habituados a longas conversas em cadeiras nas calçadas — que, com uma afidalgada disposição, o poeta de *Fúria* nos recebeu para uma prosa onde se levantaram questões sobre o conteúdo de suas obras, a interferência do *Fantástico* na composição das narrativas, a finalidade dos processos literários — no sentido amplo e no restrito — e a trajetória de suas criações. Nesse bate-papo, lançou-se um olhar especial sobre o seu romance *Os Verdes Abutres da Colina*, indicado para a prova do vestibular da UFC em uma lista que inclui, entre outros, os escritores José Saramago, Rachel de Queiroz, Adriano Espínola e Machado de Assis. Selecionamos os pontos mais específicos da entrevista, em perguntas elaboradas por Anchieta Pinheiro Pinto:

ANCHIETA: Quais as funções de Padre Tibúrcio e de Rosa na trama de *Os Verdes Abutres da Colina*? Alguma relação dessas figuras com personagens reais? Há verossimilhanças?

JOSÉ ALCIDES PINTO: O Padre Tibúrcio acompanha toda a trajetória da *Trilogia da Maldição*, que é iniciada com *O Dragão* e concluída com *Os Verdes Abutres da Colina* e *João Pinto de Maria – biografia de um louco*. Rosa aparece somente no segundo livro, que é *Os Verdes Abutres da Colina*. Trata-se de uma lenda, e, em se tratando de uma lenda, verossimilhança ou não é um ponto discutível, porque o escritor quando escreve sempre transfigura o real, mas transfigura ao ponto de não esterilizá-lo de um todo; ele tira

algumas partes do real e transfigura que é para dar justamente a ficção, senão viraria reportagem, não teria sentido nenhum como arte. Que estética tem uma reportagem? Não se iria encontrar a estética das artes puras numa reportagem. Não tem! Reportagem é direta, como a crônica também, que lida com as coisas passageiras do dia-a-dia. A menos que essa reportagem tenha um fundo social relevante, dentro do enredo a que se propõe o jornalista. Mas *Os Verdes Abutres da Colina* é por natureza uma lenda. *O Dragão* também é uma lenda. *João Pinto de Maria* é o único que foge a essa classificação de lenda, porque é biografia. Mesmo como biografia, ele é um ser fantástico, está envolvido no clima do livro. E Rosa, a matriarca do lugar em *Os Verdes Abutres da Colina*, é quem coordena todo o sentido matriarcal do livro. Sem Rosa nada se faz, sem Rosa não existiria a política do local, que é dirigida e orientada por Padre Tibúrcio. Porque Rosa é quem dá as coordenadas de todo o romance, Rosa é a mais velha de todos, é quem enterra todo mundo, fica sozinha. O romance também tem um clima de loucura, que seduz o leitor. O *fantástico* não existiria se não existisse a loucura. O próprio louco é um ser fantástico, é um ser que foge ao natural das coisas. E Rosa é uma mulher cheia de graças, de virtudes. É justamente ela que tem essa ligação com o Padre Tibúrcio. Ela é quem sustenta a absolvição do povoado. O povoado, que sucumbiu várias vezes e várias vezes voltou a ser o que era. Quando isso acontece, sobra Rosa e sobra também a cruz de Frei Vidal da Penha erguida para o alto, porque a lenda vem de Frei Vidal da Penha, um taumaturgo que andou naquela região em mil setecentos e tanto e afirmou que Sobral seria uma cama de baleia, mas o escritor achou por bem transformá-la em um Dragão, que é uma coisa mais feroz, mais forte, mais dramática. Porque *cama de baleia* fica uma coisa muito vaga. Naturalmente o povo de lá desapareceria. Eu deixei que o povo desaparecesse na mão dos demônios, os verdes abutres da colina, que habitavam uma serra próxima à aldeia de São Francisco do Estreito. Alguns locais geográficos são verdadeiros

ANCHIETA: Você cita D. José Tupinambá da Frota, bispo de Sobral, cita o partido dos marretas e cita o Alto Angicos, São Francisco do Estreito, além de outros topônimos da região. Até que ponto vai a questão da verossimilhança, neste sentido?

JOSÉ ALCIDES PINTO: Todas essas personagens e todas essas localizações geográficas são verdadeiras. Padre Tibúrcio e Dom José Tupinambá existiram. Padre Tibúrcio, na realidade, era Padre Arakém da Frota. Coloquei Padre Tibúrcio porque não podia citar seu nome, não podia colocar um padre atravessando um rio cheio, agarrado ao rabo de uma vaca. Já Tibúrcio podia fazer isso. Padre Arakém não podia, porque ele tinha família e existia na realidade naquela época. Então eu criei o personagem Padre Tibúrcio. E D. José Tupinambá era um homem político, religioso, mas que militava na política, pelo partido dos marretas (os marretas e os democratas, dois partidos tradicionais). Meu pai, por exemplo, fazia parte do partido dos marretas. E como Padre Tibúrcio foi quem fundou o partido, o pároco fazia disso um trampolim. Apesar de ser padre, a política lhe subiu à cabeça. Então ele dizia à aldeia, à comunidade de São Francisco do Estreito, que quem não pertencesse ao partido dos marretas iria para o inferno. E só fazia casamento das pessoas que fossem de seu partido, casamento e batizado. E na realidade aquilo aconteceu assim mesmo, com as reuniões (partidárias) sendo feitas na sacristia da Igreja. O partido dos marretas tinha muito dinheiro, era o partido da situação, então tudo isso é verdade... Depois é que eu juntei a lenda a tudo isso, levei para o povoado, para a aldeia e juntei a lenda de Rosa, a lenda de Francisco das Chagas ... (...) () () , a lenda dos Verdes Abutres da Colina transformados em demônios, porque a minha literatura é assim, uma literatura que foge ao comum das coisas, que faz uma ruptura tanto da linguagem como também do sentido histórico, do sentido geográfico, do sentido metafísico, do sentido existencial e de todos os sentidos. Eu criei esse coronel, mas ele existiu na realidade, veio de Cascais, Portugal, de cuja procedência faz parte minha família; e o coronel tirou realmente uma índia — esse é um fato verdadeiro — da tribo dos tremembés, uma menina entre dez e doze anos de idade e fugiu com essa índia. Aí então, como diz na narrativa, tomou o rumo que os ventos indicavam. Foi parar em uma mata densa e calma. Lá ele fundou a sua aldeia e com esta índia cativa construiu a igrejinha. Este arraial foi povoado por

todos os seus filhos, pois ele era um homem de muita potência, assim com um alopramento descomunal; e as mulheres o procuravam justamente por isso, o que era um negócio muito fantástico, muito admirativo.

ANCHIETA: Atentando para as questões do sertanejo, você disse uma vez que *o sertanejo é antes de tudo um poeta, na expressão mais rigorosa da palavra*. Gerardo Mello Mourão diz que aqui nascemos e crescemos como os cocos de nosso litoral, endurecendo por fora e cada vez mais doces e férteis por dentro. Lembrando que a *Trilogia da Maldição* em várias partes tem como ambiente a região de Santana do Acaraú e o misticismo de sua gente, explique aquele seu dito: *o rio Acaraú está em mim*.

JOSÉ ALCIDES PINTO: O que Gerardo Mello Mourão diz se trata de uma metáfora, porque a ficção e a poesia são feitas de metáforas, metáforas e mais metáforas. Agora, há o lado social, há o lado ético, há o lado estético, há o lado crucial da linguagem, o que é uma coisa muito séria. Isso é importante. O que Gerardo Mourão falou sobre a terra e sobre os nordestinos é como se nós fôssemos resistentes como os coqueiros são resistentes, lutando contra a secura. E sobre o rio Acaraú, eu nasci à margem do rio. Meu umbigo foi enterrado lá, meus pais e meus avós são de lá, quer dizer, o rio Acaraú está em mim. Como eles têm e eu tenho essa carga semântica toda, que também vem de meus tataravós, o rio para mim é uma pessoa, não é apenas uma fantasia, e não é como um outro rio qualquer; ele é integrado na minha natureza, na minha alma. Por isso mesmo tenho um livro escrito, *O Acaraú – biografia do rio*. E quando menino, me banhei nas águas do Acaraú, passei a sentir todo aquele refluxo na minha alma.

ANCHIETA: De todos os seus trabalhos, qual a obra que você considera mais completa? E qual a que tem mais a ver com você? É *Fúria*?

JOSÉ ALCIDES PINTO: Não. Nenhuma obra tem *mais a ver* comigo. Não tem uma obra mais, que seja mais ou menos completa do que a outra. Dos meus livros, de cada um eu gosto pelo que ele é em si, pelo que eu dei naquele momento para ele. Eu não sou mais apaixonado pela *Trilogia da Maldição* do que pela *Trilogia*

Tempo dos Mortos, não sou. Eu gosto do *Relicário Pornô*, mas acho um livro leviano. Agora *Fúria* não, *Fúria* é um livro muito denso e muito necessário, é um livro de denúncia social. Não é o mais completo. Neste ponto de vista ele é mais social do que os outros. Mas os outros são mais poéticos, mais românticos, talvez mais belos... Não sei... Cada um tem o seu destino, como cada pessoa tem a sua natureza. Mas eu gosto muito de *Fúria*, como gosto do *Criador de Demônios*, que é uma novela que se aproxima muito da minha natureza, já que eu sou ligado à coorte dos poetas malditos. Gosto muito dos *Cantos de Lúcifer*, que são completamente diferentes de *Fúria*, já que *Fúria* é mais de sentido escatológico, no sentido de derrotar a sociedade burguesa. E os *Cantos de Lúcifer* não, são no sentido metafísico, da alma, com a luta do Anjo e o Demônio, o bem e o mal. Um outro romance que tenho é *A Divina Relação do Corpo*, também todo no sentido escatológico, no sentido da perversão. Mas de todos os romances o que prevalece é o poeta místico. Quando chega no último capítulo do romance, o herói está tão cansado daquela vida dispersa que ele anseia pela divindade, pelo anjo. Então eu não quero que pensem que eu sou um poeta maldito, pelo contrário. No fim dos *Cantos de Lúcifer* eu digo o seguinte: *pobre satanáis, perdeste uma grande alma, apesar de toda a tua prudência*. E o que prevalece é o sentido místico cristão da obra.

ANCHIETA: Para finalizar, o que você teria a dizer a esses jovens pré-universitários que, por conta da indicação de sua obra *Os Verdes Abutres da Colina*, estão entrando em contato com a sua literatura, mística, profunda, que é ao mesmo tempo um texto de fácil acesso, de linguagem simples, acessível, tanto é que foi indicada para o vestibular da UFC? O que você teria a dizer a eles?

JOSE ALCIDES PINTO: Antes de mais nada, *Os Verdes Abutres da Colina* traz realmente uma linguagem simples, inteligível. Mas se o estudante tiver a preocupação precípua e necessária para um melhor entendimento do texto, ele deve ter em mente que se trata de uma lenda, onde o sobrenatural é imbricado numa base de fatos históricos. Os *verdes abutres* não são nada menos do que uma metáfora. Eles voam da serra do Mucuripe e se transfiguram, pela maldição que o autor dá à sua obra, se transformando em

demônios. Quando eles aparecem, aparece também a maldição, como se fossem eles objeto de feitiçaria. Como o povoado nasceu sob o símbolo de uma maldição — porque a aldeia foi criada por um garanhão luso, ou seja, um homem de uma potência sobrenatural —, só se explica através do *fantástico* mesmo: o coronel cobria as mulheres de Acaraú, de Coreauú, de todos os povoados do Estado do Ceará, do Maranhão e de outros. Isso não pode existir, a não ser em uma lenda. Como havia essa maldição, então tudo o que acontece de desgraça no povoado vem através dos verdes abutres da colina. O abutre é um pássaro maldito, é a encarnação do demônio então. Que o aluno não se deixe confundir; por que é que o coronel tinha tantos filhos assim? O coronel está imbuído no núcleo dessa lenda. E há também dois ou três elementos que têm o demônio nos couros, que obram milagres, que fazem coisas terríveis ou extraordinárias. E tudo isso vem do clima de maldição da obra. Mas Rosa, matriarca do povoado, acompanhou o nascimento da aldeia. Ela tem toda a experiência religiosa que Padre Tibúrcio infundiu em seus fiéis. Ela já nasceu portadora de graças. Justamente o oposto. Os verdes abutres são o mal; e ela é o bem; quer dizer, é preciso que existisse Rosa para que existisse o mal, que existisse o profano para que existisse o sagrado. Os verdes abutres da colina são o profano, Rosa é o sagrado, ela é sacramentada, desde seu nascimento. Ela sendo portadora de graças, o povoado nunca se acaba de uma vez, embora os demônios tentem várias vezes, invadindo o povoado, dentro do clima do romance. E quando Rosa aparecia, acabava com o mal. O fato das pessoas morrerem de dois, aos pares, isso até se justifica, porque a velhice dos habitantes do povoado era uma coisa impressionante. As pessoas chegavam a 150 anos ou mais, como Rosa. E o fato de morrerem de pares assim é uma criatividade do autor, já que demoravam muito a morrer, era melhor para a morte levar de dois de uma vez. Porque a morte quando era procurada levaria um e depois que levasse outro seria um tempo enorme. Então queria que morressem de pares, que teria menos trabalho. Agora, Rosa chegou até o final do povoado. Quando o povoado virou uma tempestade de poeira e incendiou-se, com os verdes abutres da colina, que levantou-se um temporal enorme e o

fogo tomou conta de tudo, restava Rosa em pé no meio da poeira. Havia perdido todos os sentidos e de repente os recupera. Chega Chico das Chagas Frota, um louco, com uma partida de galos alvos, que começaram a cantar um canto uníssono. Então ele perguntou:

— Rosa, que estás fazendo aí? / — Eu estou aqui, rezando a Deus. De onde tu vens criatura? / — Eu venho dos confins do mundo com essa partida de galos para te entregar.

Quando foi dizendo essa coisa assim, a terra se abriu e Rosa e Chico das Chagas Frota foram engolidos por suas entranhas. E não ficou vivente para contar a história, porque se tratava de uma lenda mesmo. Agora, procurem estudar o *fantástico* sob a ótica do real. Padre Tibúrcio é verdadeiro, D. José Tupinambá da Frota é verdadeiro, o partido dos marretas existiu, o vereador Domingão, representante da Aldeia, também é verdadeiro. No entanto, o asceta não é verdadeiro, foi criado. Padre Tibúrcio foi a esta aldeia por quê? Porque queria procurar os registros dessa lenda, que diziam existir. Na realidade nunca existiram. É como o tesouro. O Tesouro não existe, todo mundo procura, mas não existe. E o que vale é a procura mesmo.